

Cultura!

‘Protesto’

O mundo está acelerado e inchado: tem informação demais
Pág. C2

‘A revolução dos bichos’

A verdadeira ética e o oportunismo
Pág. C3

Dra. Márcia Giannetti

Obelo texto de despedida de Wilson Granello é a síntese irretocável
Pág. C6

NOVOS MUNDOS À VISTA

Finalista do Prêmio Jabuti de 2017 com *Savana de Pedra*, Felipe Castilho lança *Ordem Vermelha: Filhos da Degradação* (Intrínseca), obra criada dentro do universo compartilhado de Untherak. Nesta entrevista concedida a Bruno Anselmi Matangrano, o escritor fala de seus projetos e sua carreira na literatura
Págs. C4 e C5



Um pouco de

Cada arte...

PROTESTO

*
O. A.
SECATTO
oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

Neste mundo cada vez mais acelerado, indormido, impiedoso, cruel e exagerado, onde tudo é notícia vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e você já não sabe mais o que é verdade ou não, em homenagem ao mestre Eco (*abaixo*), fica aqui o meu protesto contra o excesso de informação.

Palavra



“A internet não seleciona a informação. Há de tudo por lá. (...) A internet ainda é um mundo selvagem e perigoso. A imensa quantidade de coisas que circula é pior que a falta de informação. O excesso de informação provoca a amnésia. Informação demais faz mal.”

UMBERTO ECO

NASCIDO EM ALEXANDRIA, ITÁLIA, EM 1932, O AUTOR DE “A ESTRUTURA AUSENTE”, “O PÊNDULO DE FOUCAULT” E “O NOME DA ROSA”, DENTRE OUTROS, MORREU EM MILÃO, ITÁLIA, EM 2016.



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Ética

“A ética não compõe com o oportunismo, não nos permite fechar os olhos da consciência no momento conveniente. Quem defende ações que antes criticava só porque delas agora se beneficia não é ético, é oportunista”

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

LINO MARFIOLI

Mário de Andrade, em *O peru de Natal*, faz o personagem-narrador dizer, referindo-se ao pai — sujeito “acolchoado no medíocre” —, que privara a família do “aproveitamento da vida quanto às felicidades materiais”, que este era o “puro-sangue dos desmancha-prazeres”. Receio ter-me tornado, para meus antigos companheiros, a triste figura evocada neste conto.

Como é desagradável ter a nosso lado, no momento em que erguemos a taça para o brinde da vitória tão almejada, alguém que nos lembre que essa vitória se deu à custa do sacrifício de valores e posturas éticas que outrora defendíamos com tanto zelo. Admitamos: negociamos os princípios; compramos, através da assistência interessada, a adesão dos refratários ao nosso projeto pessoal de poder — enfim, capitulamos. A ocasião faz o ladrão? Não, apenas o revela. O doce fora recusado apenas porque era inatingível; quando passou perto o suficiente, atiramo-nos a ele sem escrúpulos ou remorsos. Nem admitimos a contradição. Supunha-me companheiro de pessoas moralmente fortes, capazes de renúncia e, com tristeza, vejo que me enganei. “Engano d’alma ledo e cego”, diria um mestre, “não sejamos inteiros numa fé talvez sem causa”, repetiria um outro. Manteve-se a dignidade da recusa apenas enquanto a oferta de fato não existiu; mercadejamos a alma, pior que Fausto.

Concluo, observando o vale-tudo dos dias que correm, que acabamos por validar na prática o que disse o sr. José Arthur Giannotti: “O exercício da política comporta uma zona cinzenta, de amoralidade”,

A virtude só se consubstancia na prática, nos atos diários, rotineiros; não existe honestidade “em tese”, ética “a priori”

na qual o supracitado senhor (filósofo!) disse ser possível a comissão de algo que ele chamou, elegantemente, de “infração intersticial”. É deprimente; sempre acreditei que a mulher de César tem de *ser* honesta e não apenas de *parecer* honesta, sendo esta uma dicotomia grave entre essência e aparência, inaceitável em se tratando de pessoas que querem um mundo verdadeiramente ético.

Aristóteles, o padre Vieira e inúmeros autores ao longo dos tempos têm afirmado de forma categórica, com palavras diferentes, mas iguais em substância: a virtude só se consubstancia na prática, nos atos diários, rotineiros; não existe honestidade “em tese”, ética “a priori”. Não há que tergiversar: a ética não compõe com o oportunismo, não nos permite fechar os olhos da consciência no momento conveniente. Quem defende ações que antes criticava só porque delas agora se beneficia não é ético, é oportunista, diga-se com todas as letras. A menos, é claro, que se admita a tese maquiavélica de que os fins justificam os meios ou, recordando a parábola orwelliana, que todos os animais são iguais, mas que *alguns são mais iguais* e, caso o façamos, devemos ter, no mínimo, a decência de conceder aos nossos adversários que tal interpretação também lhes convinha e, portanto, nada mais no mundo é censurável, tudo é permitido, tudo está certo, pois atende aos interesses dos poderosos de plantão e, nesse caso, ética é apenas uma palavra — uma palavra infeliz e sem sentido.

*
LINO MARFIOLI É PROFESSOR APOSENTADO



Ética

Finalista do Prêmio Jabuti de 2017 com *Savana de Pedra*, Felipe Castilho lança *Ordem Vermelha: Filhos da Degradação* (Intrínseca), obra criada dentro do universo compartilhado de Untherak

“A GALERA GOSTOU DE MIM E FALOU ‘PIRA AÍ!’. AÍ EU PIREI!”



Felipe Castilho

Felipe Castilho sempre se cercou de livros. É leitor desde pequeno e sempre quis ser escritor. Na infância, fazia livretos de papel dobrado para seus contos e quadrinhos, enquanto brincava de *editora* com seu irmão. Trabalhou nas maiores livrarias do país, antes de ingressar no mercado editorial. De lá, passou para a Ed. Gutenberg, onde trabalhou por vários anos, tendo sido responsável pela publicação de importantes autores brasileiros e estrangeiros de fantasia. Também foi pela Gutenberg que lançou seu primeiro livro, *Ouro, Fogo & Megabytes*, primeiro volume da saga *Legado Folclórico*, em 2012, ao qual se seguiram *Prata, Terra & Lua Cheia* (2013) e *Ferro, Água & Escurecimento* (2015), o quarto — e último volume — da saga está em fase de escrita. Em 2014, lançou sua primeira HQ, *Imagine Zumbis na Copa*, com o ilustrador Tainan Rocha, pela Giz Editorial. Seu segundo álbum, *Savana de Pedra* (Ed. Alto Astral), desenhado por Tainan Rocha e Wagner William, foi finalista do Prêmio Jabuti de 2017, ano em que se criou a Plot!, selo dedicado à publicação de quadrinhos do Grupo Astral Cultural, no qual Castilho atua como editor-chefe. Ainda em 2017, publicou *Ordem Vermelha: Filhos da Degradação* (Ed. Intrínseca), obra criada dentro do universo compartilhado de Untherak, criado por Felipe, um ilustrador e um escultor, sob direção de Érico Borgo, da Omelete. O livro foi lançado na Comic Con Experience (CCXP) de 2017, maior evento de cultura nerd do país e, desde então, tem agitado o mercado nacional de fantasia. Confira abaixo os principais trechos da entrevista concedida com exclusividade ao *Cultura!*.

• **Para começar, Felipe, o que um leitor que ainda não ouviu falar de “Filhos da Degradação” deve esperar de seu novo livro?**

Pode esperar tudo o que faz de um livro de fantasia ser “apetitoso”, mas com uma dose de sofrimento e sujeira extra! Acho que, se *Filhos da Degradação* fosse uma música, seria uma cheia de distorções, várias mudanças de andamento e sem nenhum refrão.

• **Como foi o processo de criação do mundo de Untherak? Você teve total liberdade criativa na redação do livro? Quais foram as diretrizes que nortearam este trabalho?**

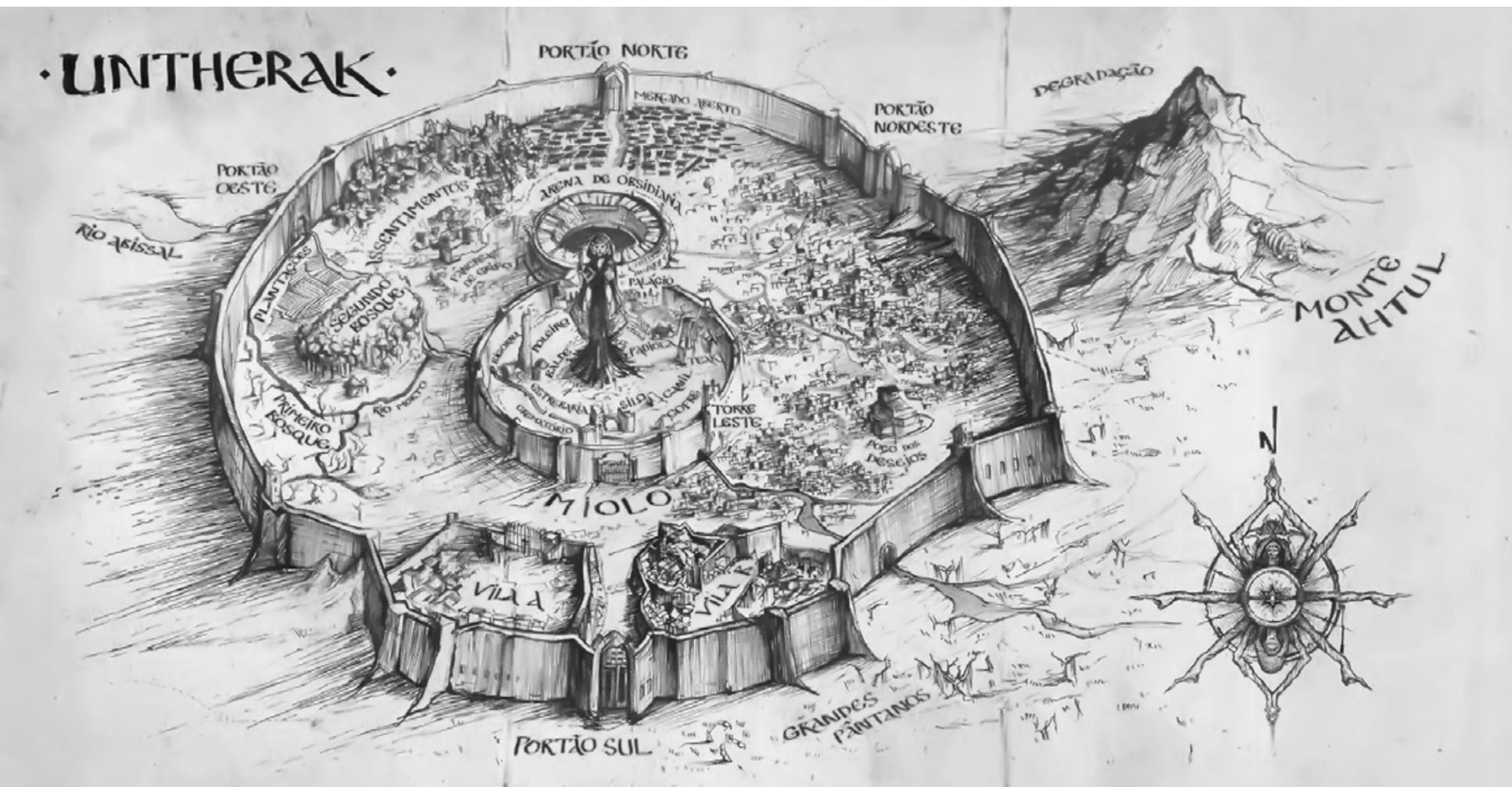
O início do universo da Ordem Vermelha já foi uma saga em si. Um dia eu fui no Omelete conversar com o Érico Borgo, o Renan Pizii e o Daniel Lamcira (da editora Intrínseca), sobre um possível projeto que teria muito a ver comigo. O Victor Hugo Sousa e o Rodrigo Bastos tinham uma ideia de criar um universo da CCXP, e o Renan e o Érico deram total liberdade para eles criarem uns personagens do zero, e foi aí que eu entrei — eu criaria o *background* desses personagens e do mundo onde viviam, criaria uma linha narrativa, motivações... O que vestiam, o que comiam, onde viveriam; tudo isso teria que passar a existir junto com aquelas artes incríveis. Aí o processo se tornou algo bem interessante, porque uma ilustra do Rodrigo me inspirava a criar um novo personagem, algo que eu dizia gerava uma arte conceitual do Victor e aí por diante. Untherak, a cidade onde a história se passa, foi sendo expandida para todos os lados ao mesmo tempo. Mas sobre a minha escrita, o mais legal foi isto: a galera gostou de mim e falou “pira aí!”. Aí eu pirei!



**ORDEM VERMELHA:
FILHOS DA
DEGRADAÇÃO**
Autor:
Felipe Castilho
Editora:
Intrínseca
(448 págs.; R\$ 44,90)



**FERRO,
ÁGUA &
ESCURIDÃO**
Autor:
Felipe Castilho
Editora:
Gutenberg
(288 págs.; R\$ 44,90)



• **Você disse em uma publicação da “Revista Omelete Box” de dezembro de 2017 que seu livro seria uma espécie de “Trainspotting’ na Terra Média”, uma “Cidade de Deus’ em Westeros”, mas que, ao mesmo tempo, se afastaria das obras de Tolkien e George Martin. Qual o desafio de se escrever dentro de um sistema tão estabelecido como é a Fantasia, que por si só já traz expectativas dos leitores? E, mais do que isso, qual o desafio de se fazer uma fantasia que, ao mesmo tempo, propusesse um novo mundo e dialogasse com a realidade brasileira e com um sentimento de brasilidade?**

Acho que o livro começa com um aceno para todos os grandes autores da fantasia que continuarão encantando novos leitores para sempre, mas depois parte para um rumo que me motivou demais a criar cada beco sujo de Untherak: eu sentia falta de me sentir parte da periferia dos reinos fantásticos. Eu sei como é ser da periferia no mundo onde vivo, mas normalmente os lugares miseráveis dos livros de *high fantasy* acabam sendo um cenário temporário, pois o herói e a heroína logo partem dali para alguma aventura incrível. Nos meus livros do *Legado Folclórico*, eu mostrei o meu Brasil

—•••—
Admirável Mundo Novo, Fahrenheit 451 (meu favorito), 1984... estão todos ali, ao lado das minhas referências no insólito
—•••—

através de seus mitos e lendas urbanas, e na *Ordem Vermelha* eu apresento parte dos nossos problemas políticos e sociais sendo criados através da espada e de uma magia eclipsada pelo obscurantismo.

• **Untherak é uma teocracia ditatorial, governada por uma deusa imperatriz, um general e uma cúpula de conselheiros não eleitos, que oprimem um povo que vive sob um regime de servidão ou de uma pseudoliberalidade. Comente um pouco dessa estrutura de poder, que você criou e que tanto evoca os governos de Distopias. Além disso, deixo uma provocação: essa seria sua forma de mostrar os perigos de se misturar política e religião no governo de uma nação?**

Por mais que o livro tenha essa sombra distópica, ela foi naturalmente evocada quando defini usar esses elementos de poder absolutista centralizados em Una, no General e na Centípede. Daí foi um pulo para eu me ver cercado de questões que as minhas distopias preferidas abordam. *Ad-*

mirável Mundo Novo, Fahrenheit 451 (meu favorito), 1984... estão todos ali, ao lado das minhas referências no insólito — Ursula K. Le Guin, Terry Pratchett, Philip Pullman. Sobre a ótima provocação, respondo com outra, direcionada: posso dizer que essa foi a minha forma de provocar a ideia ridícula de uma nação que ignora a existência do plural e do diverso. Quando o Estado decide que só existe uma escolha possível, uma linha de pensamento, uma forma de economia e uma orientação sexual, cabe a todos os excluídos se revoltarem, sim.

• **Pensando agora numa questão um pouco mais leve... Até agora você era conhecido como autor de literatura juvenil (além de quadrinista, é claro), sendo “Filhos da Degradação” sua primeira incursão na dita “ficção adulta”. Quais são os desafios de escrever para jovens leitores e para leitores adultos?**

Acho que não teve tanto desafio, até porque os meus livros mais juvenis têm o intuito de elevar o jovem ao patamar do adulto, sem subestimar a inteligência do leitor. *Filhos da Degradação* teve apenas uma pequena mudança de marcha — além da liberdade de poder derramar mais sangue, claro.

• **Por fim, o que nós leitores podemos esperar de Untherak? Quais são os planos para o universo de “Ordem Vermelha”? Afinal, o primeiro livro termina em aberto, criando muitas expectativas. Mas, além disso, tenho outra curiosidade: como você também é quadrinista, há chances de vermos Aelian e os outros heróis de “Filhos da Degradação” em uma história em quadrinhos?**

Tem MUITA coisa da *Ordem Vermelha* acontecendo nos bastidores, não só na literatura, e isso me empolga demais! Além da sequência, existem planos para quadrinhos, sim. Talvez não com Aelian, Raazi e essas figuras que protagonizam o primeiro livro, mas definitivamente veremos Untherak através da névoa dos tempos — e um vislumbre de rostos conhecidos!

*
BRUNO ANSEMI MATANGRANO, TRADUTOR E AUTOR DE DIVERSOS CONTO E ARTIGOS, É MESTRE E DOUTORANDO EM LETRAS PELA USP



Untherak.
Mapa da cidade fictícia

Autores.
Com o escritor Enéias Tavares

Parceiros.
Com o ilustrador Tainan Rocha na CCXP de 2017

Amigos de Letras.
Com o escritor Samir Machado de Machado

Adeus

“Aos 61 anos, viúva e um casal de filhos, havia anos que buscava auxiliar os necessitados que lhe batiam às portas do consultório e da alma, esta cheia de moedas de ouro da solidariedade”

ADEUS A MÁRCIA GIANNETTI



WILSON GRANELLA

Márcia Giannetti, médica oftalmologista há décadas radicada em Fernandópolis, fechou os olhos de um azul claro-profundo de se perder de vista. Na madrugada deste sábado, 20 de janeiro de 2018, o seu coração, lá sem aviso nenhum, abruptamente se negou a continuar batendo no peito da mãe responsável, da filha extremamente carinhosa, da nora cheia de cuidados, da esposa corajosa e cheia de aceitação com os anos em que, feita chama resignada, velou e iluminou as noites do marido Marcos, vítima por impiedosa doença.

No tórax da amiga e profissional profundamente ética, o coração deu um jeito de se aquietar no silêncio da casa e das horas que avançavam pela madrugada. Abrir os olhos para o clarão do novo dia? Os seus clientes de consultas marcadas, sim. Tratar possíveis doenças na visão e nos olhos com aquela mulher de rosto, gestos e voz suaves que sempre consideramos uma pessoa da nossa própria família? E

não era? O telefonema e a notícia que fez mais apressados os caminhos. Nenhuma chance para Márcia.

Aos 61 anos, viúva e um casal de filhos, havia anos que buscava auxiliar os necessitados que lhe batiam às portas do consultório e da alma, esta cheia de moedas de ouro da solidariedade, do carinho, da compreensão, do abraço fraternal. No socorro aos aflitos — velhos e crianças —, a doce médica com o oftalmoscópio e o bisturi, trouxe foco, nitidez e mais cores aos olhos de milhares de pessoas. Por certo, quantas vezes, visitada pela dor, ela não

necessitou de nenhum colírio para lubrificar os olhos azuis, deixando as lágrimas vazarem até a última gota? Verdade é que ninguém avança para melhor sem alguém. Compreendendo que virtude solitária não passa de um pão exposto na vitrine, Márcia tornou-se espírita; humildemente dando lições para aprender encontrar o próprio caminho de sua fé raciocinada.

— Granello, vou lhe receitar óculos com lente multifocal. Não acredito que você faz uso de dois óculos — perto e longe — para ler em curta distância...

— Não me acostumo.

— É treino. Em uma semana você estará fazendo as suas tarefas normalmente — explicava ela com paciência e sorriso gentil.

Na primeira sala do Velório Municipal, o corpo exposto é tocado com carinho. Precos e rostos emocionados com lágrimas furtivas. Esquivar-se ao último adeus, tendo por companhia amigos e familiares daquela amorável

mulher em quem o coração, lá sem aviso nenhum, abruptamente se negou a continuar batendo no peito? De jeito nenhum. Afinal, a Márcia sempre fez questão de prestigiar os eventos sociais dos amigos. Nas pequenas promoções da Associação Filantrópica Henri Pestalozzi, lá estava ela, colaborando; igualmente socorria as crianças da entidade, necessitadas dos seus olhos azuis e das mãos aquecidas

de afeto, da sua alma tão farta de naturalidade... e bem longe da vaidade! Como pagar?

Três dezenas de coroas de flores servem de alameda ao caixão, à inapagável lembrança e em memória da Márcia, cuja alma agradecemos ao Todo-Poderoso pela convivência. Leio na faixa de uma delas, acomodando os óculos... Os dois juntos — para longe e para perto — em flagrante gesto de que não me acostumei com a lente multifocal, mesmo com todo o aconselhamento da Márcia: “Saudades eternas do seu jardineiro Osvaldir”.

Quem recebe uma corbélia tão colorida e faixa com dizeres simples assim... de um jardineiro? Somente ela: a Márcia que amava os livros e as flores... que através dos seus olhos de um azul claro-profundo enxergava o nosso mundo um pouco diferente; a Márcia que nos amou a todos!

Fel da separação? Não, absolutamente! No chamado grande adeus, somente a separação física. Liberta, a alma prosssegue. Depois do breve nevoeiro, que a nossa amada Márcia, o seu Espírito, nos fale ao pensamento debaixo da luz das nossas orações.

Obrigado por tudo, Márcia!

Na primeira sala do Velório Municipal, o corpo exposto é tocado com carinho. Precos e rostos emocionados com lágrimas furtivas